



*Admonet in somnis et turbida terret imago.*

Horrido Espectro me atormenta em sonhos.

LISBOA 23 DE FEVEREIRO.

Chegou ha dias a esta capital e entregou no dia 20 as suas credenciaes sir G. Hamilton Seymour enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de S. M. britannica junto da côrte de Lisboa.

Este cavalleiro representou a rainha Victoria na Belgica, e diz-se que o rei Leopoldo lhe pedira para elle acceitar a presente embaixada de que o encarregára o actual ministerio inglez. Esta circumstancia mostra que sir G. Hamilton Seymour não é indifferente aos interesses da familia Gotta, e que os ha de sustentar tanto quanto o permittirem as instrucções do seu governo, e fôr compativel com a dignidade do caracter de tão qualificado funcionario.

Apenas desembarcou soube S. exc.<sup>a</sup> que o partido cabralista conhecendo a sua insignificancia no paiz appellava já sómente para a intervenção de Hespanha, que sollicitava com affinco e acceitava com complacencia. O ministro britannico vendo o grave compromettimento que tal interferencia trazia á corôa, ao paiz, e talvez á paz da Europa, diz-se que marchára immediatamente para o paço, e que ainda antes de apresentar as suas credenciaes declarára ao esposo da rainha — «que a Inglaterra não «consintiria de nenhum modo a intervenção «estrangeira nos negocios internos de Portugal.»

Esta notificação familiar dissipou muita esperanza, e creou um desengano mais para essa minoria facciosa que pretendia chamar os batalhões de Castella a fim de avassallarem o reino.

O partido popular honra-se com o appello dos seus adversarios para essa intervenção, mas não a teme. Honra-se porque prova a nossa maioria; não a teme porque temos por nós o direito e a justiça. Oh! Prouvera a Deos que a Hespanha o tentasse! A coalisção dos reis opporiamos nós a coalisção dos povos, e o Céu decidiria a quem havia de caber a victoria.

O tractado da quadrupla alliança, que vergonhosamente se invoca, caducou, e quando não caducasse, o *casus federis* não havia chegado. D. Miguel foi expulso por nós, e não voltará jámais. Não o queremos porque foi tão despotico como é sua sobrinha, e se não tão ingra-

to, pelo menos tão fedifrago e perjuro como ella.

A junta do Porto manda em nome da rainha e da nação; os realistas unindo-se-nos deixaram a sua invocação, e reconheceram a bandeira da junta.

Eis-aqui porque a Inglarerra ainda quando considerasse em vigor o tractado não podia admittir a intervenção. E não é isto porque nos queira favorecer, mas porque julga ser contra os interesses della que prepondera aqui alheia influencia.

Assim o procedimento do ministro inglez é leal e cavalleiroso como cumpre ao representante d'uma nação livre e poderosa. A nós exclusivamente pertence-nos o arranjo das nossas cousas, e a Hespanha não pôde exigir de nós senão uma boa visinhança, a qual consiste em não a perturbarmos no desinvolvimento da sua prosperidade nem no uso da sua soberania.

Mas o throno da rainha? Aqui é que bate o ponto, e nós não recuamos diante das difficuldades da resolução do problema.

O throno da rainha ninguem o atacou. A revolução não commetteu o menor desacato contra elle. Se a côrte se tornou facciosa, se o rei quiz vestir uma farda para se tornar o paladim de Sousa Azevedo e dos Cabraes, se a rainha entendeu que devia devassar o paço dando nelle guarida aos conspiradores, se se associou á sorte delles correndo ás varandas para victoriar o desastre de Torres-Vedras, se declarou que não podia atacar um artigo da carta, atacando-os depois todos, se deixou prender e insultar na sua presença o presidente do seu conselho, se exauthorou e lançou nos areas de Africa os seus subditos mais fieis para satisfazer os vergonhosos caprichos do seu valido, se preferiu o Dietz ao seu povo, se folgou com a guerra que accendeu no paiz; e se por todos estes feitos se pronunciou tão fortemente contra a maioria da nação que não pôde jámais ficar decentemente á testa della, a culpa não é nossa. Foi a corôa que abdicou voluntariamente, não fomos nós que a repellimos. E nós não podemos obrigar a sr.<sup>a</sup> D. Maria a ser rainha. Se ella disse — *Separo-me da nação, só quero ser chefe do estado sendo ministros meia duzia de ho-*

*mens perdidos e devassos*—a consequencia é que não fomos nós os perjuros, não fomos quem pronunciou a sentença fatal.

As nações sentem como nós sentimos. A imprensa da Europa clamou toda — *A rainha de Portugal deu um golpe d'estado que lhe pôde custar a corôa*. É porque a moralidade pede que o rei não seja chefe de partido, e que depois de o ser não reine sendo vencido.

O paiz separava a sua causa da da rainha — quer dizer — collocava o chefe do estado fóra da contenda. Ella é que se quiz metter nella. E então neste caso *quid juris?*

Para nós a questão está resolvida há muito. A sr.<sup>a</sup> D. Maria deve de *motu proprio* abdicar, seguindo assim o nobre exemplo de seu augusto pai, e como já escrevemos no *estado da questão* será este o unico acto racional do seu reinado.

A revolução campea vencedora. Como ha de a rainha apresentar-se decentemente a exauthorar o marido e aquelles que elle commandou? Como ha de perjurar pela setima vez? Como ha de reintegrar os que demettiu, e ser affável com os que injuriou? Quererá que consideremos a realza uma farça, e o rei um comediante que representa cada dia um papel? Oh! nunca avaliaremos assim uma instituição veneranda, fazemos da rainha mais alto conceito, e o nosso alvitre é o que consulta melhor á dignidade della. Para divertimento theatral a realza fica-nos muito cara.

Mas isto é um negocio só nosso, que as côrtes estrangeiras previram, e nós comprazemo-nos vendo que a Gran-Bretanha declara á côrte que a Hespanha não regulará a seu sabor os negocios de Portugal.

Por comunicação official chegada ao governo consta que a guarnição do vapor Porto se sublevára pronunciando-se a favor da junta do supremo governo do reino, entrando já a barra do Porto.

A dissolução lavra já em todo o exercito ministerial, e o fim da contenda está previsto.

Sahiu Domingo d'aqui para o Alemtéjo o batalhão provisório composto de 400 praças. Ficou na Aldegallega. Na mesma noute desertaram para Evora 50 soldados.

Foi este um reforço que o ministerio nos mandou. Os soldados de Torres Vedras suspiram por abraçar os seus irmãos d'armas que se acham em Evora.

O commandante Moniz queixava-se do espirito dos soldados. Os populares contavam com todo aquelle corpo, e não se enganam.

Não foi tão incruento, como annunciáramos, o triunfo que obtiveram em Alcacer as nossas armas. Também alli correu sangue, e ainda que o dos leaes foi menos, era com tudo portuguez quanto se derramou. As viuvas e os orfãos teem um motivo mais para amaldiçoarem a emboscada de 6 de Outubro, em que uma côrte faciosa lançou á terra as sementes de tantos males.

Pelo officio do commandante, Joaquim Mendes Neutel, se vê a parte abbreviada daquella acção; e pela correspondencia de Evora se mostra o tratamento cavalleiroso que os nossos dão aos prisioneiros inimigos. Não commentamos o homem que em Cintra assassinou pessoas inertes ao limiar da sua casa foi tratado com mais consideração do que merecia. A humanidade ficou honrada.

Eis-ahi o officio e a correspondencia a que nos referimos:

#### Officio.

«Batalhão dos leaes caçadores—Illm.<sup>o</sup> e exm.<sup>o</sup> Tenho a satisfação de communicar a V. exc.<sup>a</sup> que os nossos esforços foram completamente coroados; ficando toda a força em meu poder, depois de 5 horas de vivo fogo em que elles perderam 15 feridos, 3 mortos e 125 praças de pret prisioneiras; 6 officiaes incluindo o Ilharco.—Eu tive um aspirante de cavallaria gravemente ferido; um cavallo, e um soldado dos leaes caçadores mortos.—A pressa não me dá tempo a recommendar particularmente e só a dizer a V. exc.<sup>a</sup> que animava a todos o maior entusiasmo.

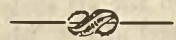
Deos guarde a V. exc.<sup>a</sup> — Acantonamento em Val de Gizo, ás 6 horas da tarde do dia 8 de Fevereiro de 1847.—Illm.<sup>o</sup> e exm.<sup>o</sup> sr. conde de Mello.—*Joaquim Mendes Neutel*, tenente coronel do batalhão dos leaes caçadores.»

#### Correspondencia.

Evora 10 de Fevereiro.

«Hoje pelas 3 horas da tarde entraram a Porta do Rocio a valente columna commandada pelo bravo Neutel trazendo 125 soldados prisioneiros, o major Ilharco, tenentes João de Freitas e Liotte — alferes Serpa Machado, Moia e Planchet, tendo ficado mortos 16 soldados e o tenente Barbosa.—Tinham-se dito que elles haviam tido 3 mortos, porém o Ilharco depois de prisioneiro disse a Neutel que na casa onde se tinha intrincheirado em um quarto para dentro, tinha mandado metter 13 mortos, para os occultar aos seus soldados; foi-se lá e com effeito acharam-se aquellas 13 victimas, ficando no hospital 15 feridos.—Nós tivemos um aspirante e um cabo gravemente feridos, e 2 soldados mortos — o aspirante e o cabo julga-se que morreram.—Ilharco vinha tremendo, porém vendo ao entrar mil e seiscentos soldados firmes e dis-

ciplinados, e não, ouvindo senão dar vivas á nossa gente, sem que se lhe dirigisse um insulto, ficou confundido.— Os seis officiaes foram para a cadêa, e estão juntos com 3 aspirantes, e os sargentos tambem na cadêa em outra casa —Alli acharam camas, luz, agoa, mezas, cadeiras, &c. e uma cêa prompta. Os soldados estão presos em uma grande casa, com tarimbias e o mais preciso; mandou-se-lhes logo dar ração e lume para se aquecerem. Tambem aos ex-officiaes se lhes mandou lume, porque tudo vinha pingando. Ilharco em Alcacer pediu licença e escreveu ao governo, expondo-lhe o cavalheirismo de Neutel, e queixando-se do estúpido suiso. Tem razão. A tres legoas d'aqui deixar surpreender por 220 infantes e 40 cavallos, uma força de 165 homens (porque alguns se extraviaram ou fugiram durante o fogo) e isto na distancia de 9 legoas, é muita estupidez ou cobardia! — Os soldados são todos novos, e já esta noute os ouvi cantar o hymno da Maria da Fonte—pediram ser incorporados nos corpos da divisão, ao que o conde de Mello annuiu, menos uns 8 que por seus máus sentimentos ficaram considerados prisioneiros. Ilharco ao entrar na cadêa agradeceu ao conde de Mello, a generosidade com que era tractado, e admirou a grande força, aceio e disciplina da divisão. Os cruzados de Cintra —disse o conde —alli estão na frente do sr. Ilharco. São talvez os mais offendidos; veja a generosidade e compaixão pintada nos seus rostos. Chamou á frente o Emauz que em Cintra os tinha commandado, e disse-lhe: «E' V. s.<sup>a</sup> que recebeu o fogo do sr. Ilharco a quem encarrego de o conduzir e seus companheiros á prisão, e que nada lhes falte. Emauz pegou pelo braço a Ilharco e seguido dos mais, foi arranja-los como cavalheiro!»



O ex-commandante em chefe passou Domingo revista no Campo de Ourique aos batalhões cabralistas. Assistiu a ella a rainha e os principes.

Quando se estava no melhor da festa um dos espectadores lançou mão d'uma daquellas bandeirolas que servem de balisa, começou á bordoadada em toda aquella sucia de ridiculos marengos, e pôz tudo em polvorosa.

Uma duzia de cavallarias cercavam o homem sem lhe poderem chegar, até que o conde de S. Paio vindo pela retaguarda deu-lhe uma cutilada, que o fez cahir em terra. O valente conde cahiu tambem. Não sabemos se gritou que lhe acudissem, o que sabemos é que um esquadrão de cavallaria como aquelle faz honra a uma nação!

Depois que cercaram o homem todos os que até alli ou fugiam ou estavam para fugir lhe bateram ou queriam bater.

E o *Diario* do governo guardou silencio sobre este facto!!!

De que procederá isto? Seria a manobra cabralista tramada para o pronunciamento contra o Sousa Azevedo, e que não se contramandou? Seria a exaltação d'algun patriota irritada ainda pela vista burlesca daquelles titires agaloados?

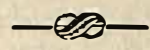
Fosse o que fosse, é certo que foi um protesto feito na presença da rainha, e que os seus ministros teem vergonha de o publicar. A função acabou lugubre e triste, e muita gente tomou aquelle acontecimento como um triste presagio.

O Sedvem, que goza agora das honras de carrasco-mór da cõrte e reino, foi encarregado do preso: a municipal deu-lhe tratos crueis, e só mui tarde é que trataram do curativo.

Houve susurro nas fileiras em diversos sentidos.

Diz-se que o ex-commandante em chefe mandára no dia seguinte cuidar do doente, do qual esperava importantes revelações.

Se quizerem dizer que aquillo era o plano d'uma vasta conspiração, não nos opporemos á conjectura, e acrescentaremos que a maior parte dos commandantes dos corpos e officiaes de fileiras estavam iniciados nelle.



Diz-se que o conde de Porto Covo, B. M. d'Oliveira Borges, Joaquim Pereira da Costa, e Alexandre José Ferreira Braga não querem aceitar o cargo de directores do banco de Portugal para que foram eleitos pela assembléa geral.



O *Espectro* estava bem informado quando revelou a desintelligencia ministerial. Sousa Azevedo deixou de ser ministro. Temos de menos já esta vergonha. Depois dos dois Cabraes ninguém deshonorou tanto uma pasta.

Sahi pelo modo por que entrára. A uma hora da noite do dia 20 lavrou-se a sua demissão. Clero, nobreza e povo applaudiram-na. E não foi porque triunfasse a justiça, mas porque foi castigado um criminoso, embora o fosse por outros que são tão bons como elle.

Perseguiu, roubou. Assim o dizem os seus. —Vendeu a patria por umas poucas de libras esterlinas, e por uns poucos de contos de réis — foi ingrato e perseguidor dos seus bemfeitores! Odiado por todos teve já o galardão dos seus serviços.

Atraz delle irão outros. Já se falla no ex-visconde de Oliveira, no insignificante Farinho, e no ex-D. Manoel de Portugal. A canalha da cõrte quer os Cabraes não obstante escrever o Saldanha que nas provincias não se pôde pro-

4  
ferir esse nome sem receio de que se levantem as pedras das ruas.

Diz-se que o decreto da demissão lavrara a deshora para evitar pronunciamento cabralista.

Parte da agiotagem foi ferida com este golpe. Parece haver desavença entre os que deram dinheiro para se assignar o decreto da extincção das duas decimas na divida externa.

O sr. João de Oliveira entrou para a fazenda, o ex-barão de Ovar para a guerra interinamente.

Oremos a Deos porque já nos vai sendo feita justiça.



Lemos no *Diario* o seguinte:

«Rápido se escôa o tempo diante do homem; e quasi commumente passa inutil.—Pela maior parte cada dia nos deixa peiores.

«Segundo as leis immutaveis da natureza cada hora, cada instante que foje leva consigo uma porção de nosso ser fisico, e com ella alguma cousa do nosso ser moral.»

Que sublimidade de philosophia! Que agudesa de conceitos! Que honraria á humanidade e á experiencia!

Viva a rapaziada! Vivam os garotos do *Diario*!

Até aqui dizia-se: *Arasão, a intelligencia e o conselho está nos velhos.* Os tribunaes mais autorisados, os conselhos dos principes compunham-se de honradas cãs, de homens de idade provecta. De hoje em diante dir-se-ha: *A rasão, a intelligencia e o conselho está nas crianças — a precipitação, a imprudencia, os vicios são proprios da idade madura.*

Viva pois a rapaziada! Vivam os garotos!

Uma balla levou-vos uma perna ou um braço, pois sabeis que levando-vos uma parte do vosso ser fisico levou com ella tambem alguma parte do vosso ser moral, ficastes um perverso!

Vedes esses lupanares? Pois a mocidade que os frequenta, os devossos que nelles se entretêm, são muito melhores que o velho desvalido que esmola o pão de cada dia; são mais virtuosos que o ancião venerando que passou uma vida isenta de crimes!

Temos dó de tanta miseria. E para que vem semelhante sandice? Para dizer que acabam de volver 13 annos depois da batalha de Almofter! Pois bem. Por esta successiva degradação vejam o que pôde ser hoje o Saldanha e o seu apologista.